

Uma Cidade Imaginária na Amazônia: duas dimensões do onírico em Walter Benjamin

An Imaginary City in the Amazon: Two Dimensions of the Oneiric in Walter Benjamin

Ricardo Araujo Dib Taxi*

Fecha de Recepción: 15/03/2025

Fecha de Aceptación: 10/06/2025

Resumen: O presente ensaio tem como objetivo discutir ambivalência do conceito de sonho em Walter Benjamin. Como ocorre tantas vezes no pensamento desse filósofo, os sonhos aparecem ora como mistificação ora como alargamento da realidade e imaginação de outro mundo possível. A primeira dimensão fica clara quando o autor diz que com o capitalismo a Europa mergulhou em um sonho, bem como no modo como Benjamin desenvolve o conceito de fantasmagoria, que possui conexão com a ideia de fetiche da mercadoria. Já a segunda dimensão aparece na influência que Benjamin tem do surrealismo, bem como em seu texto a respeito do olhar das crianças e na leitura que o autor faz do romantismo como possibilidade de imaginação de outro mundo possível. Tal ambivalência será aqui trabalhada a partir de uma discussão a respeito da cidade de Belém na Amazônia, mostrando como essas várias perspectivas podem iluminar a história e a sociologia de uma cidade que luta até hoje para se enquadrar em uma dimensão de progresso que sempre a excluiu.

Palabras clave:

Amazônia – onírico – Walter Benjamin – Belém

Abstract: *This essay aims to discuss the ambivalence of Walter Benjamin's concept of dreams. As is so often the case in this philosopher's thinking, dreams sometimes appear as mystification and sometimes as an expansion of reality and imagination of another possible world. The first dimension becomes clear when the author says that with capitalism, Europe plunged into a dream, as well as in the way Benjamin develops the*

* Mestre e Doutor em direito pela Universidade Federal do Pará (UFPA, Brasil). Período como pesquisador visitante na Birkbeck College – University of London. Professor adjunto do curso de direito e do programa de pós-graduação em direito da UFPA. Coordenador do grupo de pesquisa Filosofia Crítica do Direito e Literatura. ORCID: 0000-0002-4950-6112. Email: ricardoadt@gmail.com

concept of phantasmagoria, which is connected to the idea of commodity fetishism. The second dimension appears in Benjamin's influence on surrealism, as well as in his text on the gaze of children and in the author's reading of romanticism. This ambivalence will be explored here based on a discussion of the city of Belém in the Amazon, showing how these various perspectives can illuminate the history and sociology of a city that has struggled to fit into a dimension of progress that has always excluded it.

Keywords: Amazon – Oneiric – Walter Benjamin – Belém

Quem visitar no começo de 2025 a cidade de Belém, localizada no norte do Brasil, na Amazônia, verá um canteiro de obras que se prepara para receber a Cop 30 no fim do ano, importante evento que discute a emergência climática e alternativas para retardar o que parece hoje uma catástrofe irreversível.

Localizada na periferia do capitalismo, a cidade de Belém está claramente sufocada pela tentativa de construir uma imagem que honre aquilo que nós de Belém imaginamos que seja a expectativa de quem vem conhecer a Amazônia. Ao ver os projetos, as maquetes, ou seja, as expectativas, somos invadidos por um curioso sentimento de *deja vu*. Parece que nossos sonhos de futuro possuem um traço curioso de passado. Não de um passado real, mas do resgate de um passado imaginado, onírico, no qual Belém foi a esplendorosa “Paris n’América”, durante o ciclo da Borracha que durou da segunda metade do XIX até o começo do XX.

Ao mesmo tempo em que nossa cidade tenta mostrar sua face “moderna” para o olhar dos visitantes, o preço dessa modernização é pago pelas populações tradicionais e comunidades indígenas, que precisam ser novamente destroçadas e esquecidas para construir o nosso panorama internacional. Mais uma vez é curioso que, ao lutar para ser o que acreditamos que os europeus e norte-americanos esperam que sejamos, destruímos justamente as formas de vida de cuja preservação parece depender hoje a própria existência de uma vida sustentável no Planeta.

Nesse ensaio, meu objetivo será pensar a cidade de Belém e a Amazônia nesse momento histórico, lendo-as a partir de duas dimensões em que o onírico aparece no pensamento Walter Benjamin. Em diálogo com o filósofo judeu alemão, buscarei mostrar como os sonhos podem ao mesmo tempo ser o campo da violência mítica, da culpa, do fetiche da mercadoria, e também o espaço de reencantamento¹ do mundo, da crítica surrealista, da imaginação das crianças e de uma narrativa que recupere a dimensão de experiência coletiva em oposição à vivência individual.

Um dos maiores desafios que se impõem a quem busca penetrar no pensamento de Walter Benjamin consiste justamente nessas tensões que trespassam alguns dos campos fundamentais de seu estudo. Na primeira parte deste estudo, serão mencionados brevemente alguns momentos nos quais aparece essa tensão entre aspectos positivos e negativos de certos campos de análise como a técnica, a narração e a memória. Como se verá, todos esses campos já geraram mal-entendido na medida em que foram compreendidos de modo unilateral por leituras posteriores que, apesar de bem-intencionadas, acabaram deixando passar algumas nuances importantes do texto benjaminiano.

O sonho é um elemento especialmente complexo no pensamento benjaminiano, pois aparece em diversos momentos e em diálogo com assuntos diversos como surrealismo, capitalismo, fotografia, concepção marxista de mercadoria etc. Embora haja entre eles uma série de interligações, é ao mesmo tempo difícil precisar o sentido em que o termo aparece em cada contexto.

De início, há a clássica concepção mistificadora, que fica evidente no livro *K* das “Passagens”, quando o autor afirma que “O capitalismo foi um fenômeno natural com o qual um novo sono, repleto de sonhos, recaiu sobre a Europa e, com ele, uma reativação das forças míticas” (Benjamin, 2019, p. 664).

¹ Tal expressão, que tem aparecido em várias obras contemporâneas como por exemplo “Reencantando o Mundo” de Silvia Federici, precisa ser compreendida em diálogo com o famoso desencantamento “Entzauberung” do mundo de que falava Max Weber (Federici, 2022). É igualmente nesse sentido que a Montanha mágica “Zauberberg” de Thomas Mann ganha também uma chave interessante de leitura. Zauber que poderia também ser traduzido como encantada (Mann, 2016).

Há também a conhecida crítica ao “eterno retorno do mesmo” nietzscheano. Como lembra Ernani Chaves, embora Benjamin tenha se aproximado de Nietzsche no que diz respeito à crítica da modernidade, o filósofo judeu alemão critica o conceito de eterno retorno do mesmo como mítico, como ainda distante da dimensão da história enquanto oposição ao mito, tal como aparece desde “Destino e Caráter” (1919).

Ao mesmo tempo, há momentos em que o sonho aparece em Benjamin de um modo distinto. Basta pensar no mundo das crianças, em Proust, no surrealismo ou mesmo em alguns momentos de Kafka. Menos óbvia, essa segunda acepção na qual os sonhos aparecem como um campo distinto da visão puramente instrumental do mundo administrado capitalista.

Na literatura política e sociológica mais recente sobre a Amazônia e mais especificamente sobre Belém como cidade fundamental da Amazônia Brasileira, há uma série de tentativas² de aproximar a perspectiva benjaminiana para realizar uma crítica social e uma história social que incorpore não apenas os discursos explícitos, mas toda essa dimensão onírica que existe como uma espécie de sonho (ou delírio) coletivo a respeito da própria região.

Em todo caso, tais obras abordam mais o que chamei aqui de dimensão crítica do sonho, quando o papel fundamental é uma espécie de encobrimento de uma história que restou silenciada frente às fontes oficiais. Especialmente no caso da Amazônia, isso se compreende quando se leva em conta que a região apareceu para o mundo a partir de discursos construídos pelo outro, seja esse outro os europeus ou mesmo as regiões centrais de poder no Brasil, que se localizada no Sudeste, sobretudo São Paulo e Rio de Janeiro.

Desse modo, somos invadidos a todo momento por essa ânsia de corresponder a um olhar externo. Quem visitar Belém hoje verá como estamos curiosamente personificando a conhecida frase psicanalítica que diz que “amar é dar o que não se tem a alguém que não o quer”.

² Para citar dois exemplos emblemáticos, posso citar “Cidade Sebastiana” de Fábio de Castro, Relivaldo Pinho

Por outro lado, sobretudo em uma região tão rica em influência da cultura indígena, de elementos sociais e culturais também da América Central, há um outro campo onírico a ser explorado, o qual em termos benjaminianos corresponde ao que Michel Lowy nomeia como a dimensão romântica do autor, um romantismo que não é precipuamente nostálgico, mas anti-capitalista, que tenta imaginar e resgatar no passado os resquícios de possibilidade de um outro mundo, de uma outra forma de lidar com a natureza.

Ao contrário do progresso que tentamos vender ao mundo como cartão postal falso, talvez a contribuição que possamos dar esteja justamente nesses sonhos que, tal como os sonhos Yanomami, não apenas preveem a queda do céu, mas também fazem despertar as centelhas de uma ancestralidade ainda não totalmente destruída.

O ensaio será então composto de duas partes, nas quais buscarei pensar Belém e a Amazônia articulando essa ambivalência do sonho benjaminiano. Embora o objetivo por assim dizer material esteja em pensar hoje a realidade brasileira e Amazônica, creio que o estudo pode também contribuir aos estudos do pensamento de Walter Benjamin, tornando-o vivo e em diálogo com o tempo de agora.

Metodologicamente, ao invés de fazer algo mais esquemático, apresentando primeiro os conceitos de Benjamin e depois “aplicando” aquelas noções ao objeto de análise, buscarei cruzar desde o início as imagens da Amazônia com as quais quero trabalhar e os elementos do pensamento benjaminiano. Embora esclarecimentos conceituais venham a ser necessários, trata-se mais de pensar no horizonte da crítica benjaminiana do que puramente em fazer exegese do autor.

O elemento mítico dos sonhos

Embora tenha sido muito influenciado pelo surrealismo e pela inserção da dimensão onírica no mundo supostamente transparente e maquinal da modernidade, Benjamin manteve ao mesmo tempo uma distância crítica com relação a certos elementos que constituem o mundo onírico.

Para os objetivos desse ensaio, o principal elemento crítico a ser articulado é o conceito de mito, pois é importante mostrar como a dimensão mítica dos sonhos pode realizar um papel tanto de obscurecimento da realidade quanto passar a falsa e trágica sensação de inevitabilidade da realidade.

Em escritos de juventude como “Destino e Caráter” (1919) e “Para a crítica da violência” (1921), Walter Benjamin critica a noção de mito como algo oposto à história enquanto espaço da liberdade, isto é, como campo no qual temos a possibilidade de fazer com que as coisas não sejam sempre do mesmo jeito, modificando nosso próprio devir histórico³.

Como dito na introdução com a menção ao estudo de Ernani Chaves, a própria ideia nietzscheana de eterno retorno do mesmo aparecerá a Benjamin como mítica nesse exato sentido de a-histórica, isto é, de supostamente necessária.

Quando se volta a manifestações sociais desse elemento mítico, o campo fundamental explorado pelo autor é o do direito. É no direito, com sua mobilização constante da culpa e do destino, com a afirmação constante de sua própria necessidade, de sua própria legitimidade, que a dimensão mítica da sociedade se manifesta mais claramente.

O direito é mítico em dois pontos simultâneos, sendo que ambos me são aqui fundamentais. Em primeiro lugar, as grandes narrativas jurídicas, porquanto se apresentem como racionais, recorrem constantemente a elementos míticos para a construção de um *nomos*, isto é, de um universo simbólico que lhe dê sentido. Assim, o recurso a um passado mítico – cuja existência verdadeira torna-se uma questão secundária – aparece como um elemento fundamental de legitimação da própria narrativa triunfalista que os juristas contam para si mesmos.

Em segundo lugar, o direito precisa defender a violência que exerce como

³ Embora seja possível e bastante produtivo associar essa concepção à crítica do capitalismo, ressoando a frase de Mark Fischer de que é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo, é importante enquanto análise histórica do texto ter em conta que “Destino e Caráter” e “Para a crítica da violência” são textos anteriores à “descoberta” do marxismo por parte de Benjamin. Assim, embora tal relação possa ser feita, os motivos fundamentais naquele momento eram teológicos e metafísicos, mais do que uma crítica social no sentido materialista.

legítima, isto é, precisa a todo momento nos convencer da inevitabilidade da coercitividade como mecanismo de controle social. Desse modo, a historicidade precisa ser apresentada de forma mítica no sentido de algo necessário e incontornável. Veja-se que uma dimensão funciona ligada à outra. Para usar aqui o exemplo fundamental, o passado mítico da vingança privada que foi substituído pela figura do terceiro imparcial e que representa a emergência da Justiça é a justificativa para a aceitação da violência estatal, posto que tal violência é – supostamente – imposta pelas leis e não pelo arbítrio dos seres humanos.

Para além do campo jurídico, Benjamin enxerga seu próprio tempo enquanto uma espécie de mitologia da modernidade. Como afirma Willi Bolle, o importante conceito de imagem dialética aparece em Benjamin pela primeira vez justamente no contexto do elogio ao surrealismo como ferramenta crítica à mitologia da modernidade (Bolle, 2022, p. 71).

Nesse caso, o papel do mundo onírico é mostrar as imagens que restam ocultas pela modernidade. Nesse ponto, é importante precisar um pouco mais a expressão “modernidade”, pois me parece que há mais de um sentido em jogo. Em primeiro plano, talvez o sentido que venha à tona seja o de modernidade no sentido de mundo burocratizado e maquinal, no qual a maioria das pessoas adotou uma vida um tanto robotizada que as impede de observar uma grande parcela do mundo que as circunda. Em um plano mais amplo, que se liga obviamente a esse, a crítica de Benjamin ao modo como a modernidade compreende a noção de experiência vai ainda mais longe e remete a Kant e sua tentativa de restringir na “Crítica da razão Pura” a realidade passível de ser experienciada.

Posteriormente, o conceito de mito e de sonho passam a ser articulados por Benjamin a partir do conceito marxiano de fetiche da mercadoria. Para isso basta lembrar do jogo dialético presente já na primeira frase do “Capital”, quando Marx afirma que as sociedades capitalistas aparecem como um amontoado de mercadorias. Veja-se que Marx não diz que a sociedade capitalista é um amontoado de mercadorias, mas que parece, ou seja, que o que vemos não é a realidade, pois o fetichismo é

justamente o movimento de apagar do nosso olhar o trabalho humano que constrói nosso mundo circundante.

Para Benjamin, uma história material precisa incorporar esse mundo que é escondido de nosso olhar, o que implica, tal como no caso do surrealismo, uma alteração das condições de nossa percepção de mundo.

Embora não seja o objeto central desse ensaio, é crucial mencionar que Benjamin vê na arte⁴ e mais especificamente na literatura um potencial de trazer à tona esse outro mundo e, ao fazê-lo, revelar o caráter onírico do que chamamos de realidade.

Em síntese, o que se mostra aqui é que aquilo que conhecemos como realidade e como mundo real é um sonho do qual precisamos despertar. O caráter mítico desse sonho, seguindo a oposição já delineada entre mito e história, está justamente no fato de que essa falsa realidade se apresenta de modo totalitário, relegando ao campo da fantasia tudo o que tenta desafiar o seu direito tirânico de ser a única visão possível do mundo. É justamente por se voltar contra essa redução da realidade que escritores como Kafka e Proust encantaram tanto a Benjamin. Cada um a seu modo, esses dois autores mostraram seja a presença das sobreposições temporais seja a presença do elemento teológico naquilo que se considera como realidade.

Belém, a cidade imaginária

Na obra “A cidade Sebastiana” (Castro, 2010), o sociólogo Fábio de Castro buscou compreender a história social da cidade Belém, uma cidade situada no coração da Amazônia brasileira, a partir do tipo de mosaico imagético que constitui as “Passagens” benjaminianas. Embora distante sob outros aspectos, especialmente o materialismo histórico que quase não aparece, a ideia de produzir imagens dialéticas, de escavar o elemento onírico tanto no aspecto social quanto no campo da pré-compreensão que

⁴ Essa é uma das grandes distinções de Benjamin com relação ao marxismo ortodoxo, pois enquanto lá a arte aparece como mero reflexo da infraestrutura, Benjamin considera – nesse sentido mais próximo de Adorno – uma via de não dupla entre arte e realidade, e vê o mundo da produção literária como um campo fundamental de compreensão mais alargada da realidade.

torna visível a cidade como tal, isto é, enquanto um imaginário, tudo isso perfaz o livro de Castro e o torna bibliografia fundamental para compreender a história de Belém e mesmo da Amazônia.

Como dito na introdução, a memória coletiva de Belém perpassa ainda hoje pelo apogeu econômico ocorrido no ciclo da borracha, entre a segunda metade do século XIX e o começo do século XX. Vinda de uma guerra civil que dizimou milhares de vidas, a reconstrução da cidade viria a ser acelerada por esse evento que, entre 1860 e 1920, fez de Belém a base logística de comércio do látex, um elemento de importância industrial crucial para os Estados Unidos e para a Europa (Castro, 2010, p. 24).

Em sua investigação Fábio de Castro mostrou que “até 1880 a Amazônia foi o único fornecedor mundial de látex”. A derrocada final viria em 1912, quando despontou a produção da Malásia. A partir de então, o sonho de apogeu econômico desmoronou vertiginosa e rapidamente, levando a classe média e a elite que lucrava com o látex a uma melancolia que em certa medida existe no ar de nossa cidade de Belém mesmo agora enquanto escrevo esse ensaio.

No chamado ciclo do extremo norte, composto por 10 romances que acompanham a vida de Alfredo desde a infância na Ilha do Marajó até a vida adulta na cidade de Belém, o escritor paraense Dalcídio Jurandir tornou essa melancolia palpável ao analisar, no volume intitulado “Belém do Grão-Pará, a atmosfera de Belém nos meses que seguiram a derrocada do ciclo da borracha (Jurandir, 1960).

Comunista, Jurandir chegou a visitar a União Soviética e a adotar o realismo soviético como estética literária inicial, até que, após ter contato com “Grande Sertão: Veredas” de Guimarães Rosa, entendeu – num sentido curiosamente próximo à relação de Benjamin com a estética marxista – que o realismo não era capaz de captar os sonhos, o universo simbólico que rodeava a realidade e a corporificava.

Assim, “Belém do Grão-Pará” foi escrito na década de 1960 retratando justamente os anos 20 e incorporando aquele sonho de modernidade que então acabava de evaporar e deixar a classe média absorta na já citada melancolia.

Em obra dedicada a analisar os romances de Dalcídio, o pesquisador alemão

Willi Bolle, que trabalhou por anos na Universidade Federal do Pará e mais especificamente no Naea – Núcleo de altos estudos amazônicos, comenta como a cidade de Belém fora durante boa parte do século XX uma cidade que se envergonhava de seu lado ribeirinho, de seu lado mais propriamente amazônida, razão pela qual a cidade foi construída fundamentalmente de costas para enorme rio Guamá que à cerca.

Foi apenas em momento posterior que as habitações com vistas para o rio e para as ilhas fluviais que cercam Belém começaram a ser mais valorizadas. Hoje, quando nos aproximamos da Cop 30, essas ilhas têm sido um alvo cada vez maior de modernização⁵ “turística” e as promessas de resgate do paraíso moderno perdido novamente vêm à tona.

A partir de um motivo proustiano fundamental, a saber a distinção entre a memória do passado e o passado como tal, Fábio de Castro dirá que aquele tempo do látex “só se torna era da borracha quando precisamos definir e projetar nossos sonhos e nossas melancolias de fausto, apogeu e queda” (Castro, 2010, p. 28). Vendo a realidade como uma espécie de dialética na qual concretude material e delírio fantasmagórico se fundem, Castro dirá então que a “era da borracha é um lugar de fala que instala socialmente um mito (Castro, 2010, p. 205).

As citações a Benjamin feitas por Castro vão na direção desse motivo que remete a Proust, a saber a atualização do passado pelo presente, o papel que o passado exerce em mostrar aquilo que falta ao presente, a medida em que cada geração sonha com a posterior. É para isso que funciona aqui a dimensão do resgate onírico, do ato de abrir os olhos para enxergar o mundo de sonhos nos quais até hoje vivemos.

Essa perspectiva é muito oportuna, especialmente em uma região como a Amazônia que foi por tanto tempo narrada pelas vozes dos outros, dos estrangeiros. Nesse sentido, não apenas nos encontramos em repetição cíclica de nosso passado

⁵ Todavia, novamente é curioso perceber a dialética dessa modernização. Recentemente, o governador do Estado do Pará, após realizar um contrato com a Starlink, editou uma lei para abolir o ensino presencial nas comunidades ribeirinhas e indígenas e trocar pelo ensino 100% online. O que esse grupo político não contava é que os indígenas ocupariam por quase 1 mês a secretaria de educação do Estado do Pará e fariam uma mobilização de repercussão nacional pela revogação da lei.

imaginado, como vivemos algo semelhante ao que se vê no conhecido filme *“Inception”* de Christopher Nolan, pois alguns de nossos sonhos nos foram inseridos pela voz dos outros, por aqueles que narraram para nós o que nós somos.

A essa perspectiva, gostaria de somar, tal como delineado no tópico anterior, o conceito de mito tal como trabalho pelo jovem Benjamin⁶. Lembre-se que, no período do fim da década de 1910 e começo da década de 1920, o mito apareceu em Benjamin como oposição à histórica, como suposta condenação a um eterno retorno. Assim, dizer que o passado opulento e moderno de Belém e da Amazônia no auge da Borracha é um mito significa não apenas que aquilo não existiu como tal, mas também que nos encontramos numa repetição mítica daquele sonho, arquitetando nossos planos de futuro com base nessa memória.

Em breve parêntese, vale ressaltar que esse mesmo tipo de relação acontece também em outras cidades brasileiras, como por exemplo o Rio de Janeiro, que fora capital do Brasil e que até hoje é invadido por lembranças melancólicas dos tempos de suposto esplendor.

Todavia, lembrando a perspectiva das teses sobre o conceito de história, esse sonho imaginário foi o pesadelo de muita gente. Caberia perguntar a partir de qual imaginário se construiu essa visão? Para quem aquele período foi opulento e esplendoroso? Nas costas de quem foi sustentado aquele progresso?

Essa pergunta remete diretamente à conhecida afirmação de Benjamin no livro *N das Passagens* segundo a qual “a superação dos conceitos de progresso e de época de decadência são apenas dois lados da mesma moeda” (Benjamin, 2018, p. 765).

Por óbvio, só fala em decadência quem viveu um período de esplendor, de progresso, e agora se recorda melancólico e amargurado do paraíso perdido. Nesse sentido, para o povo humilde que não fez parte do sonho econômico da “era da borracha”, não há decadência justamente porque não houve nenhum progresso anterior.

⁶ Tal perspectiva aparece também em escritos mais tardios, como por exemplo no seguinte trecho das *“Passagens”*: “Enquanto em Aragon permanece um elemento impressionista – a “mitologia” – e a esse impressionismo se devem muitos elementos vagos do livro – trata-se aqui da dissolução da mitologia no espaço da história” (Benjamin, 2018, p. 761).

Como mostra Willi Bolle, a obra “Belém do Grão Pará” de Dalcídio Jurandir consegue trazer à tona essa perspectiva benjaminiana de maneira muito clara, na medida em que foca os anos de 1920 em Belém a partir da perspectiva de uma família tradicional da cidade e também das pessoas mais humildes que com eles conviviam (Bolle, 2019, p. 152).

A família dos Alcântara, que antes vivia em uma grande residência na estrada de Nazaré, decai ao mesmo tempo econômica e moralmente, o que faz com que Bolle diga que “com esses elementos, a obra de Dalcídio filia-se à tradição do romance social realista, notadamente ao tema da decadência de uma família, descrita em *Os Buddenbrook*⁷ de Thomas Mann” (Bolle, 2019, p. 152).

Para além dessa família invadida pela melancolia, “há vozes de outros personagens: a costureira Isaura, com sua família e seus amigos, todos pertencentes à classe trabalhadora. Nenhum deles fala em decadência nem em período áureo” (Bolle, 2019, p. 152).

A importância do trecho acima destacado dificilmente pode ser superestimada para os propósitos desse ensaio, uma vez que destaca justamente como o período tipo como áureo e esplendoroso o era apenas da perspectiva de uma elite que não representada a maior parte da cidade.

Uma cidade que, como as cidades da Amazônia em geral, foi construída sob os ombros da escravidão negra e indígena, que era e ainda é excludente para a maior parte de sua população, que é demarcada socialmente por linhas invisíveis que a separam em universos incomunicáveis, tudo isso só vêm à tona quando se muda o horizonte a partir do qual a história é contada, quando se incorpora as narrativas silenciadas dos grupos oprimidos.

A ambivalência dos sonhos

⁷ A menção a Thomas Mann aqui não deixa de ser oportuna, visto que a decadência no seu romance tem uma ambivalência. Lá, na medida em que a família decai financeiramente, surge novamente a sensibilidade poética em uma criança que acaba morrendo precocemente. Assim, chamar de decadência puramente é uma visão unilateral que passa despercebida a muitos leitores e leitoras de Mann.

Apesar de todos os esforços feitos por nós para destruir a herança indígena de nossa cidade, para sufocar tudo aquilo que não nos venda para os de fora como a cidade do progresso, como a “metrópole da Amazônia”, a cidade de Belém permanece embebida de uma multiculturalidade que a enriquece mais do que podemos perceber com o olhar.

Não apenas os nomes das ruas, os temperos alimentícios e mesmo o sotaque, elementos nos quais a influência da cultura indígena se faz muito presente, mas também a música e mesmo o manejo com a natureza que nos cerca.

Em Arrabalde, João Moreira Salles lembra como a ideia romântica que os estrangeiros têm da Amazônia como “mata virgem”, como floresta inexplorada, parte de um equívoco que consiste em diferenciar natureza e cultura, como se uma cidade fosse o produto da criação humana e uma floresta fosse a natureza em seu estado puro (Salles, 2022). Ao contrário, ao menos no que tange à floresta Amazônica, é imperioso perceber que sua existência é fruto de um manejo e de uma vivência dos povos tradicionais que sempre foi ativa, isto é, modificativa.

De modo semelhante ao que fez Aldous Huxley em “A situação Humana” (Huxley, 2016), quando mostrou como as várias comidas e animais que consideramos hoje como universais foram na verdade intercambiados pelo ser humano em diferentes épocas, a floresta Amazônica, tanto quanto a cidade de Belém que jaz em seu coração, são produtos (também) culturais.

Tal equívoco não esteve restrito aos de fora, mas perpassou mesmo o imaginário que nós, habitantes da Amazônia, sob ela tivemos durante muito tempo. Como já mencionei antes, não é por acaso que a cidade de Belém cresceu por muito tempo de costas para o rio e para a floresta. Trazendo novamente João Moreira Salles, “a civilização brasileira não formulou uma ideia da floresta. Não a incorporou à imaginação coletiva, não a transformou em imagem compartilhada. Como diz o fotógrafo Luiz Braga, nascido em Belém: a Amazônia é o que se esquece do Brasil. É resto, arrabalde” (Salles, 2022, p. 15).

Nos tópicos anteriores, foi explorado o elemento por assim dizer negativo dos

sonhos. Negativo certamente não é a melhor palavra, pois passa uma imagem de que aquilo que não tem existência concreta e material é só por isso uma mentira. Ao contrário, embora Belém nunca tenha sido a Paris n'América que nossos antepassados acreditaram, embora mesmo agora não estejamos prontos para entregar à Cop. 30 a metrópole moderna que estamos a vender, o mundo de significações simbólicas que criamos ao nosso redor faz parte e pauta nossa vida mesmo que não tenha uma existência material.

Diferentemente da explicação feita nesse ensaio sobre o fetiche da mercadoria, quando Marx diz que algo é apagado de nosso olhar, nossos sonhos e esperanças sobre a cidade conduzem de certo modo o universo simbólico e assim, mesmo quando “mentirosas”, precisam fazer parte daquilo que Benjamin nomeou como história social e que era o seu projeto das Passagens que nunca foi concluído.

Gostaria, por fim, de apontar para outro caminho, para um elemento dos sonhos que se pode pensar a partir do filósofo alemão e que representa não a mentira ou os enganos, mas sim a capacidade de imaginar e de devolver o encanto a um mundo no qual ressoa apenas o ritmo do aço, para usar a expressão de Adorno.

Para compreender como esse elemento se articula em Benjamin e como pretendo trazer para uma discussão sobre Amazônia, Belém e modernidade, é importante inicialmente resgatar a dimensão redentora da história benjaminiana.

Jeanne Marie Gagnebin afirma que em Walter Benjamin a história se vê também no futuro do pretérito, isto é, incorpora não apenas a dimensão do que foi, mais do que *poderia ter sido* (Gagnebin, 2018). Apesar de judeu, há nesse aspecto a presença da apokatastasis cristã, isto é, a reunião de todas as almas no paraíso perante Deus. Trata-se, no autor, da perspectiva redentora que pode advir quando as vozes silenciadas do passado puderem finalmente ter sua justiça, o que como se sabe depende de nosso agir messiânico no presente. Apesar de manejadas teologicamente, são categorias políticas e não religiosas. É também Gagnebin quem mostra a importância fundamental de separar teologia e religião em Benjamin.

Para resgatar a dimensão crítica e positiva do sonho em Benjamin, é importante

justamente voltar agora os olhos aos sonhos não cumpridos da Amazônia, não à Belém que foi ou que se acredita tenha sido, mas àquela desconhecida, aquela que poderia ter sido.

Essa perspectiva tem sido explorada nos estudos amazônicos contemporâneos resgatando, por exemplo, as histórias não contadas das revoltas populares, dos movimentos sociais e lideranças que foram fundamentais e ficaram posteriormente apagadas da historiografia oficial.

pode redimensionar a dimensão daquilo que compreendemos como realidade. Outro elemento que tem sido incorporado e que, embora não seja o objeto da presente pesquisa, pode ser um caminho interessante é a leitura do chamado perspectivismo ameríndio, isto é, da tradição indígena Yanomami que tem sido estudada cada vez mais desde a publicação do monumental “A queda do Céu” (Kopenawa & Albert, 2015). Caberia pensar como os sonhos coletivistas dos povos indígenas e especialmente dos povos Yanomami que habitam a Amazônia pode redimensionar a nossa relação com a natureza, com nosso próprio povo e com a cidade.

Apesar de localizada na Amazônia, Belém é uma das cidades menos arborizadas do Brasil. Não por acaso também é uma das mais quentes, sendo vítima daquilo que tem sido denominado racismo ambiental, pois as pessoas mais afetadas são obviamente as pessoas negras e indígenas que vivem nos lugares mais quentes e inóspitos da cidade.

Apesar disso, existe ao mesmo tempo uma espécie de promessa, de sonho não realizado de cidade no qual a cultura viva de nosso povo de fato possui preponderância. Um sonho de que o projeto de modernidade que nos enreda possa finalmente dar lugar à nossa própria dimensão de progresso.

Para dar um exemplo interessante no campo da cultura, vale a pena citar a peculiaridade musical de Belém. Localizada bem ao norte do Brasil, a cidade de Belém por décadas teve dificuldade ou impossibilidade de acessar as frequências das rádios de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, onde se desenrolava o cenário musical brasileiro de modo mais pulsante. Aqui, quando se tentava sintonizar a rádio o que se ouvia eram as frequências caribenhas da América Central. Isso se torna palpável quando

se ouve o ritmo paraense chamado Guitarrada, muito popular aqui na cidade de Belém e que possui uma influência direta da música da América Central.

Ocorre que, querendo por muito tempo fazer parte da “nação”, nossa classe média rejeitava com vergonha essa singularidade, buscando afirmar-se brasileira nos moldes do que se ouvia lá do outro lado do País, como choro, bossa nova etc. Apenas as classes populares valorizavam aquilo que agora se tornou *cool*, que é reconhecer as origens caribenhas de nossa música.

Tal como esse exemplo pode mostrar, há uma história não contada de nossa cidade, uma história por assim dizer encantada, mas aqui a dimensão do sonho é a dimensão das memórias imateriais de um povo que já estava aqui há milhares de anos.

Sob esse prisma, talvez a questão do sonho possa ser aproximada com a dimensão do “encantado” não enquanto feitiço que obscurece a realidade – como está aqui sendo feito com obras milionárias que escondem a pobreza e a real cidade – mas como o olhar ao qual Benjamin se referia ao falar das crianças, ao falar sobre a habilidade de perder-se em uma grande cidade e saber observá-la com a atenção que as condições da modernidade impediram, reduzindo a *Erfahrung a Erlebnis*.

Nesse sentido, a dimensão de encantamento pode ser também aproximada com a dimensão de uma experiência coletiva do espaço. Não é por acaso que também a filósofa Silvia Federici, ao escrever sobre feminismo e a política dos comuns, tenha usado o título “Reencantando o mundo” (Federici, 2022).

Embora não no sentido da dimensão coletiva, também é dessa dimensão de encantamento que trata a Montanha Mágica de Thomas Mann. A questão do encantamento pode ser vista já no título (Zauberberg), lembrando que Zauber, que pode ser traduzido como mágico ou encantado é a mesma palavra usada por Max Weber para falar do desencantamento (Entzauberung) do mundo.

Nesse livro, há um personagem que expressa o lugar do iluminismo no século XX. Um Sujeito cheio de confiança, porém que traja roupas ridículas e pretende escrever um Manual para a cura de todos os males físicos e morais. Seu nome, Setembrini, é uma ironia de Thomas Mann, visto que setembro é o mês do outono

européu, quando as folhas caem. Assim, defender ingenuamente a razão empiricista no século XX tem algo de decadente.

Como dito na introdução, uma grande dificuldade ao se penetrar no pensamento de Walter Benjamin é essa ambivalência com a qual os temas centrais são trazidos. No caso dos sonhos, apesar de o elemento produtivo da dimensão onírica ficar bem claro com a influência do surrealismo no filósofo, tal dimensão acaba ficando obscurecida por outros trechos das “Passagens” e de outros ensaios como “Capitalismo como religião” nos quais os sonhos já aparecem como sinal de obscurecimento, fantasmagoria.

Com esse pequeno ensaio, espero ter contribuído para a discussão acerca dessa ambivalência no pensamento do autor e, ao mesmo tempo, ter contribuído com o pensamento sobre Belém e sobre a Amazônia nesse momento em que, aparentemente, não nos resta muito tempo para evitar uma catástrofe derradeira.

Referências bibliográficas

- Benjamin, Walter (2011). *Escritos sobre mito e linguagem*. (Ernani Chaves, Trad.). Duas Cidades.
- Benjamin, Walter (1987). *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política; ensaios sobre literatura e história da cultura*. (Sérgio Paulo Rouanet, Trad.). Brasiliense, 1987.
- Benjamin, Walter (2018). *Passagens*. (Irene Aron & Cleonice Paes Barreto Mourão, Trads.). Editora UFMG.
- Bolle, Willi (2019). *Boca do Amazonas. Sociedade e cultura em Dalcídio Jurandir*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo.
- Bolle, Willi (2022). *Fisiognomia da metrópole moderna – representação da história em Walter Benjamin*. Editora da Universidade de São Paulo.
- Castro, Fábio Fonseca de (2010). *A cidade Sebastiana – Era da borracha, memória e melancolia numa capital da periferia da modernidade*. Edições do Autor.
- Federici, Silvia (2022). *Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns*. (Coletivo Sycorax, Trad.). Elefante.
- Gagnebin, Jeanne Marie (2013). *História e Narração em Walter Benjamin*. Perspectiva.
- Gagnebin, Jeanne Marie (2018). *Walter Benjamin e os cacos da história*. N1-edições.
- Huxley, Aldous (2016). *A situação humana*. Biblioteca Azul (Globo Livros).
- Jurandir, Dalcídio (1960). *Belém do Grão-Pará*. Martins.

- Kopenawa, Davi & Albert, Bruce (2015). *A queda do céu. Palavras de um xamã Yanomami*. (Beatriz Perrone-Moisés, Trad). Companhia das Letras.
- Mann, Thomas (2016). *A Montanha Mágica*. (Herbert Caro, Trad.). Companhia das Letras.
- Salles, João Moreira (2022). *Arrabalde. Em busca da Amazônia*. Companhia das Letras.
- Seligman-Silva, Márcio (2023). *Walter Benjamin e a guerra de imagens*. Perspectiva.